

# AS PROPOSTAS PARA O OBJETO DA METAFÍSICA EM ARISTÓTELES E BOÉCIO

## THE PROPOSALS FOR THE OBJECT OF METAPHYSICS IN ARISTOTLE AND BOETHIUS

LUCAS LAGASSE CORRÊA\*

**Resumo:** Este artigo, adaptação do primeiro capítulo de nossa dissertação de mestrado, tratará do estabelecimento da tripartição das ciências teóricas e da formulação das propostas do objeto da metafísica, em Aristóteles. Também apresentará a reverberação dessas propostas na obra *Sobre a Trindade*, do pensador romano Severino Boécio. Como resultado, mostraremos as quatro possibilidades de objeto propostas pelo estagirita na obra *Metafísica*, e a escolha que Boécio faz de Deus como objeto dessa ciência teórica.

**Palavras-chave:** *Metafísica*; ciências teóricas; Ser; Deus.

**Abstract:** This article, adapted from the first chapter of my master's thesis, deals with Aristotle's tripartite division of theoretical sciences and his proposal for what the object of metaphysics is. It also discusses how these proposals reverberate in *On the Holy Trinity* by the Roman thinker Boethius. Thence I set out the four possibilities for object of metaphysics proposed by the Stagirite in his *Metaphysics*, and the choice that Boethius makes of God as object of this theoretical science.

**Keywords:** *Metaphysics*; theoretical sciences; Being; God.

### INTRODUÇÃO: A FUNDAÇÃO DA TRIPARTIÇÃO DAS CIÊNCIAS TEÓRICAS E AS FORMULAÇÕES PARA O OBJETO DA METAFÍSICA, EM ARISTÓTELES

Aristóteles é um dos primeiros sistematizadores do conhecimento. Ele, além de dar definições da ciência enquanto tal<sup>1</sup>, propõe a divisão dela em ciências “práticas, produtivas e teóricas”; e para as últimas – as teóricas –, uma subdivisão tríplice: física, matemática e filosofia primeira (ou metafísica). Isto

---

\* Professor da Rede Pública Estadual do Espírito Santo, ES, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-3468-5397>. E-mail: lucaslagasse20@gmail.com

<sup>1</sup> “Arbitramos possuir a ciência absoluta de algo e não, ao modo dos Sofistas, de um modo accidental, quando julgamos que conhecemos a causa pela qual esse algo é, quando sabemos que essa causa é a causa desse algo, e quando, além disso, não é possível que esse algo seja outro que não este. [...] Daí resulta que o sujeito próprio da ciência enquanto tal é algo que não pode deixar de ser o que é.” (*Analíticos Posteriores* I, 2, 71b 9-12; 15).

posto, para diferenciar cada ciência teórica é preciso definir seu objeto de estudo, o que, como se verá, não é tão simples no caso da ciência metafísica, para a qual há várias formulações dadas por Aristóteles.

### 1. A DIVISÃO DAS CIÊNCIAS EM ARISTÓTELES, CONFORME O LIVRO E DA *METAFÍSICA*

Desde os jônios buscava-se o elemento estável e único que a inteligência exigia estar sob a multiplicidade e as mudanças. Chama-se “o que é”, ou “razão explicativa dos fenômenos”, ou “essência”. Os primeiros filósofos, naturalistas, encontraram esse elemento na concretude da realidade – água, ar, terra, fogo, etc. Mesmo a tese de Heráclito, que destaca a mudança e o movimento, aplica à mobilidade o papel unificador que a inteligência exige. Platão, através de sua personagem Sócrates, apontando para a alma e seu método de conhecer, esclarece que a ciência é a definição universal, “o que é” de cada objeto: “[...] se apanharmos num determinado objeto o que o distingue dos demais, apanharmos, como dizem alguns, sua explicação ou definição” (*Teeteto*, 208d). O mesmo Platão dá mais um passo na resolução do objeto da ciência com a teoria das Ideias: estas, simples, indivisíveis e imutáveis, eram conhecidas pela inteligência, gerando a ciência, enquanto o mundo material daria objeto à opinião e ao conhecimento sensível.

É Aristóteles que fundamenta o conhecimento intelectual no objeto da ciência – o ser: “a ciência é do ser, e do ser necessário, eterno” (PEREIRA, 2001, p. 44) –, e mais, de cada ciência em particular – os entes<sup>1</sup>. Esse “ser” não é uma realidade espiritual e universal apreendida por intuição, pois só existe o concreto composto; e também não é o concreto e individual, pois esse não tem estabilidade por si. Ele é “o elemento estável e uno liberto da realidade sensível por abstração” (THONNARD, 1968, p. 87). A razão prescinde dos aspectos mutáveis da realidade, abstraindo o aspecto essencial dela. As “ideias” que Platão tinha elevado ao *status* de substância, Aristóteles as traz de volta às coisas sensíveis, tornando-as “formas” dessas mesmas coisas sensíveis; a inteligência fixa-se nessas formas, em estado puro, abstraindo as condições individuantes. A ciência se dará, portanto, mediante conceitos abstratos, universais e necessários que são tirados dos seres concretos, particulares e contingentes (p. 88).

<sup>1</sup> Ente – do latim *ens*, participio presente do verbo “esse” (ser), aquilo que tem ser, que está sendo.

Na *Metafísica*<sup>2</sup>, Livro E (sexto), Capítulo I, o estagirita trata “1) [d]a diferença entre a filosofia primeira e as outras ciências; 2) [d]a diferença entre a filosofia primeira e as outras ciências teóricas; [e] 3) [d]a universalidade da filosofia primeira” (CASTRO, 2008, p. 122).

Ele propõe uma divisão geral das ciências que são tratadas em outras obras: ciências práticas, produtivas e teóricas (ou especulativas). Estas últimas, por sua vez, são divididas em três – física, matemática e filosofia primeira (ou teologia, ou, ainda, metafísica<sup>3</sup>). As ciências teóricas não possuem outra finalidade senão o conhecimento mesmo, desinteressado. Já as ciências práticas e produtivas orientam-se à ação: aquelas, à ação moral (humana), que não sai do sujeito; e essas, à uma atividade produtora, técnica e artística que gera algo fora do sujeito. Note-se que é a finalidade de cada tipo de ciência que as distingue, ao menos nessa primeira divisão genérica.

Voltando-se às ciências teóricas, Aristóteles diz que toda ciência se fundamenta no raciocínio, logo, trata de algum modo da causa das coisas (*Metafísica E 1*, 1025b, 5-7). Quando se busca um conhecimento de algo, buscam-se suas causas e princípios, como no exemplo dado pelo Filósofo, das causas que produzem a saúde e o bem-estar até os princípios de objetos menos contingentes, como os da matemática. Princípios e causas<sup>4</sup> dão o “porquê” e a razão das coisas. Diz o estagirita: “De fato, existe uma causa da saúde e do bem-estar; existem causas, princípios e elementos também dos objetos matemáticos e, em geral, toda ciência que se funda sobre o raciocínio trata de causas e princípios mais ou menos exatos” (*Metafísica E 1*, 1025b, 5-7).

Numa primeira diferenciação entre as ciências teóricas, ele afirma que as ciências são limitadas por determinado gênero do ser e não este mesmo ser de modo absoluto, por ele mesmo - tal como, mais à frente, ele dirá que a

<sup>2</sup> Usaremos neste artigo a tradução de Giovanni Reale, cuja tradução para o português e revisão são de Marcelo Perine, Edições Loyola, 2002.

<sup>3</sup> É sabido que o termo “metafísica” foi cunhado por Andrônico de Rodes (séc. I a. C.) para designar os livros que vinham depois dos que tratavam da Física.

<sup>4</sup> São coisas distintas os princípios e as causas. Estas possuem ainda dupla divisão – causas próximas, que produzem certos efeitos imediatos, como o coração impulsionando a circulação sanguínea, e das quais se ocupam as ciências particulares; e causas últimas ou supremas, cujos influxos se ramificam em toda uma ordem determinada, como o agir humano é influenciado pelo desejo de felicidade. Aqueles, os princípios, são como que elementos internos das coisas, enquanto as causas atuam desde fora; os princípios constituem as coisas em seu ser e agir (tal como a essência, a quantidade ou qualidade, etc.). (Cf. ALVIRA, T.; CLAVELL, L.; MELENDO, T. *Metafísica*. Trad. de Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2014, p. 22-23).

metafísica o faz: “Todavia, essas ciências são limitadas a determinado setor ou gênero do ser e desenvolvem sua pesquisa em torno dele, mas não em torno do ser considerado em sentido absoluto e enquanto ser” (*Metafísica E 1*, 1025b, 7-9).

Aristóteles ressalta que as variadas ciências não se ocupam de essência dos seus objetos, mas já as têm advindas ou da experiência (ciência empíricas), ou por via de hipóteses (como na matemática). Quer dizer, as ciências assumem a essência (e existência) de seus objetos previamente, sem necessidade do discurso racional para defini-las. Diz o Filósofo: “elas [as ciências] não se ocupam da essência, mas partem dela – algumas extraindo-a da experiência, outras assumindo-a como hipótese – e demonstram com maior ou menor rigor as propriedades que pertencem por si ao gênero de que se ocupam” (*Metafísica E 1*, 1025b, 10-15).

Susana de Castro ilustra bem esse trecho da *Metafísica* ao assinalar que:

A insuficiência das ciências particulares decorre principalmente da incapacidade de regredirem verticalmente ao último fundamento de seus objetos. Elas são obrigadas a recorrer a pressupostos: à percepção, que não é considerada um grau científico do conhecimento, ou à hipótese; ambos os pressupostos carecem de fundamento racional e conceitual. A filosofia primeira trata do Ser como Ser, ao qual estão submissos todos os seres particulares. Por isso, ela pode demonstrar a essência e a existência das coisas, seguindo um modelo de demonstração distinto das ciências particulares (2008, p. 123).

Prosseguindo seu projeto, buscando distinguir a filosofia primeira das outras ciências teóricas, Aristóteles analisa a física, a qual trata de um gênero de ser “que contém em si mesma o princípio do movimento e do repouso” (*Metafísica E 1*, 1025b, 19-20). Ele a coloca no campo das ciências teóricas e elenca os outros tipos de ciências (produtivas e práticas), como já dito anteriormente. Diz o filósofo:

Pois bem, é evidente que a física não é ciência prática nem produtiva: de fato, o princípio das produções está naquele que produz, seja no intelecto, na arte ou noutra faculdade; e o princípio das ações práticas está no agente, isto é, na volição, enquanto coincidem o objeto da ação prática e da volição. Portanto, se todo conhecimento racional é ou prático, ou produtivo, ou teórico, a física deverá ser conhecimento teórico, mas conhecimento teórico daquele gênero de ser que tem potência para mover-se e da

substância entendida segundo a forma, mas prioritariamente considerada como inseparável da matéria (*Metafísica E 1*, 1025b, 21-29).

A física é ciência teórica, pois se debruça sobre determinado gênero do ser, o ente móvel - este é o sujeito ou objeto de estudo<sup>5</sup> da física.

Tratando das substâncias sensíveis (materiais), a física considera primariamente as suas formas, só que “essas formas não se dão separadas da matéria”; conforme o dito no final da citação acima – “conhecimento teórico daquele gênero de ser que tem potência para mover-se e da substância entendida segundo a forma, mas prioritariamente considerada como inseparável da matéria” (*Metafísica E 1*, 1025b, 21-29). Aristóteles dá um exemplo claro e clássico: quando se fala de “nariz achatado”, essa é uma forma que não pode ser pensada sem matéria, é uma forma (concavidade) de uma matéria (nariz) (*Metafísica E 1*, 1025b, 31-35). Ao tratar de qualquer substância sensível – nos exemplos do Filósofo: olho, face, carne, orelha, animal em geral, folha, raiz, casca, planta em geral – a física precisa, ao defini-las, considerar o movimento que possuem, movimento este proveniente da materialidade. Noutras palavras, a física “se refere ao ser sensível enquanto inteligível” (JOLIVET, 1965, p. 24), quer dizer, trata do ente móvel (que se dá na matéria) de maneira intelectual (abstraindo notas individuais). Pode essa ciência tratar da concavidade, mas essa forma – no instante do pensamento que a considera separada da matéria – só existe, só se dá na matéria (num nariz concreto, no exemplo aristotélico).

Para fidelidade ao exemplo aristotélico, cita-se a passagem que o contém:

Ora, das coisas que são objeto de definição, ou seja, das essências, algumas são como o achatado, outras como o côncavo. Estes diferem entre si pelo fato de que o achatado está sempre unido à matéria (de fato, o achatado é um nariz côncavo), enquanto a concavidade é privada de matéria sensível. Portanto, se todos os objetos da física são entendidos de modo semelhante

<sup>5</sup> Tome-se o termo sujeito como sinônimo de objeto. Segundo Nascimento (Cf. NASCIMENTO, C. A. R. Tomás de Aquino e a Metafísica. *Revista Filosófica de Coimbra* – nº 52, 2017, p. 235-236) Tomás de Aquino usa o termo “*genus subiectum*” (gênero-sujeito) para designar o sujeito lógico-gramatical de uma ciência, quer dizer, daquilo que uma ciência trata, estuda. Mas no português corrente não é usual usar o termo sujeito para designar aquilo que é estudado numa ciência (apesar de outras línguas o fazerem). Ademais, o termo *genus subiectum* tinha origem noutra termo, o *subiectum de quo* (sujeito de que se trata), e não no *subiectum in quo* (sujeito no qual o hábito científico estaria). Optamos, entretanto, no uso do termo objeto, para facilitar a compreensão.

ao achatado, [...] (de fato, não é possível definir nenhuma dessas coisas sem o movimento e todas possuem matéria) então fica claro como se deve pesquisar e definir a essência no âmbito da pesquisa física [...] (*Metafísica E 1*, 1026a, 1-5).

Surge no texto aristotélico uma dificuldade: no trecho da *Metafísica* citado acima, dizia-se que a Física trata dos entes inseparáveis da matéria, mas, no trecho E, I, 1026b, 10-15, Aristóteles diz que “a Física refere-se às realidades separadas mas não imóveis”. Seria isso uma contradição? Alguns leem assim mesmo, “separadas”<sup>6</sup>, inclusive é a correção proposta por Schwegler<sup>7</sup>. Mais adiante se explicitará, em resumo, os objetos das ciências teóricas e as possibilidades de significado do termo “separado”.

Em se tratando da matemática, o estagirita diz que alguns de seus ramos “consideram os seus objetos como imóveis e não separados” (*Metafísica E*, 1026a, 9-10). Isto é, na matemática, também classificada entre as ciências teóricas, o objeto não é visto a partir do movimento (é imóvel), e não é visto separado da matéria (é não-separado), pois o número só existe enquanto abstração de coisas sensíveis. Aqui há um problema no texto original, nas traduções e interpretações: Reale<sup>8</sup> assevera (contra Ross, e a favor de Schwegler) que, para manter a coerência do texto, é preciso adicionar essa partícula “não” antes de separado, pois se não tivesse essa partícula a tradução diria que os objetos da matemática seriam separados, indicando uma concessão à doutrina platônica e, ao mesmo tempo, uma contradição ao exposto nos livros M-N.

Diz Aristóteles:

Ora, como as proposições universais das matemáticas não se referem a entes separados e existentes à parte das grandezas e dos números, mas se referem justamente a estes, mas não considerados como tais, isto é, como tendo grandeza e como divisíveis: então é evidente que poderão existir também raciocínios e demonstrações referentes às grandezas sensíveis, não consideradas como sensíveis mas como dotadas de determinadas propriedades. [...] do mesmo modo poderão existir raciocínios e ciências relativas a corpos em movimento, mas considerados não em movimento, mas somente como corpos, e depois só como superfícies, e, em seguida, só

<sup>6</sup> AUBENQUE, P. *O problema do ser em Aristóteles*, 2012, p. 46. Bekker, Bonitz e outros seguem a interpretação do Pseudo-Alexandre.

<sup>7</sup> REALE, G. *Metafísica – Sumário e Comentários*. Vol. III. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002, nota 13 do livro E1, p. 307.

<sup>8</sup> *Ibidem*, nota 12 do livro E1, p. 307.

como comprimento, só como divisíveis, só como indivisíveis e tendo uma posição, e enfim, só como indivisíveis. Portanto, dado que se pode dizer, em geral e verdadeiramente, que não só as coisas separadas existem, mas que também as coisas não separadas existem [...], assim também poder-se-á dizer, em geral e verdadeiramente, que os objetos matemáticos existem e, justamente, com aquelas características de que falam os matemáticos (*Metafísica M 3*, 1077b, 20-35).

Com esse texto, Aristóteles dá as orientações gerais sobre a solução do estatuto ontológico dos objetos matemáticos. Conforme diz Reale<sup>9</sup>, em consonância com as primeiras linhas da citação aristotélica, “os Entes matemáticos são entes abstraídos do sensível”. De fato, é possível considerar as coisas sensíveis a partir de aspectos distintos, tendo em vista que as coisas sensíveis possuem várias propriedades e determinações, por exemplo, o aspecto do movimento (como o faz a física), ou o aspecto das dimensões (como faz a geometria) ou ainda das unidades indivisíveis (e assim o faz a matemática, ao se debruçar sobre o acidente da quantidade). Então os objetos matemáticos têm existência ligada à sensibilidade, quer dizer, não podem ser separados da sensibilidade. Na mesma nota supracitada, Reale aplica a doutrina aristotélica do ato e potência para facilitar mais a compreensão: os objetos matemáticos existem em potência nas coisas sensíveis e em ato quando se se considera (intelectualmente, por via de abstração) as quantidades.

Jolivet resume assim a consideração da matemática quanto ao seu objeto, o *ens quantum*: “os objetos matemáticos não supõem a matéria em sua definição, mas não podem existir senão na matéria” (1965, p. 25). O comentário de Casanova (2013, p. 56) favorece mais ainda a compreensão do objeto da matemática: “é (a matemática) uma abstração da forma da quantidade, na qual ‘o que’ conhecemos não se reflete especularmente naquilo ‘pelo que’ conhecemos”.

Há uma outra ciência teórica, anterior à física e à matemática, pois parece que existe algo que é eterno, imóvel, separado (*Metafísica E 1*, 1026a, 10), e algo com essas características não pode ser abarcado pelas ciências da física, a qual trata de realidades separadas<sup>10</sup>, mas em movimento, e da matemática, que se refere a realidades não separadas, mas imóveis. Essa ciência, que trata de realidades separadas e imóveis, Aristóteles chama “filosofia

<sup>9</sup> *Ibidem*, nota 1 do livro M3, p. 661.

<sup>10</sup> Enquanto conhecidas, pois vimos anteriormente que as formas da física só se dão em coisas materiais (não separadas da matéria).

primeira”, pois “[...] é necessário que todas as causas sejam eternas, mas estas particularmente: de fato, estas são as causas dos seres divinos que nos são manifestos” (*Metafísica E 1*, 1026a, 15). Nesses trechos citados, o estagirita afirma a primariedade desta filosofia por conta da anterioridade de seu objeto: as causas devem ser eternas, pois, se não o fossem, haveria causas das causas, e regressaríamos ao infinito, o que não leva a conhecimento algum; essas causas, separadas e imóveis são as causas dos movimentos dos céus (tradicional tese da física aristotélica)<sup>11</sup>.

Pouco depois, o Filósofo a chama de teologia, pois trata também do divino que “existe numa realidade daquele tipo” (separada e imóvel) (*Metafísica E 1*, 1026a, 20). Por considerar um gênero mais elevado da realidade, essa ciência teórica, a filosofia primeira, ou teologia, ou ainda, no termo da tradição filosófica, metafísica, é preferível as outras, anterior a elas; além “de estudar o ser enquanto ser, vale dizer, o que é o ser e os atributos que lhe pertencem enquanto ser” (*Metafísica E 1*, 1026a, 30-32).

Como visto, o Livro E, em seu capítulo 1, mostra o projeto aristotélico de estabelecer uma ciência universal que seja distinta das ciências particulares. Por isso a preocupação de Aristóteles em dizer qual é o objeto de cada ciência e colocar essas mesmas ciências em uma certa ordem no campo teórico. Ademais, o que se constituirá objeto dessa ciência universal ou filosofia primeira é uma outra substância do que aquelas analisadas pela física ou pela matemática (ciências particulares).

Em suma, há uma ordenação das ciências à metafísica, pois só ela “versa acerca do ‘que é’, e corresponde à mesma ciência estudar o ‘que é’ e o ‘se é’” (CASANOVA, 2013, p. 290). Cada ciência supõe que exista seu objeto, como o mesmo texto aristotélico diz, ou pela experiência ou por hipótese (*Metafísica E 1*, 1025b, 11), enquanto só a metafísica demonstra a existência de seu objeto.

O Livro E 1 termina com uma questão de suma importância: “[...] a filosofia primeira é universal ou refere-se a um gênero determinado de seres e a uma realidade particular [?]” (*Metafísica E 1*, 1026a, 23-25) Aristóteles responde dizendo que, se não houvesse outras substâncias “além das que constituem a natureza, a física seria a ciência primeira”, isto é, a física seria a ciência primeira pois, como assevera Reale, “os princípios por ela investigados seriam

<sup>11</sup> REALE, G. *Metafísica – Sumário e Comentários*. Vol. III. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002, nota 15 do livro E1, p. 308.



os princípios de todo ser, de toda realidade”<sup>12</sup>. Concedendo-se a existência de uma substância imóvel, a ciência que trataria desta mesma substância seria anterior as demais ciências e, visto que é anterior, primeira, ela é universal e sua tarefa é “estudar o ser enquanto ser, vale dizer, o que é ser e os atributos que lhe pertencem enquanto ser” (*Metafísica E 1*, 1026a, 30).

Recapitulando, o objeto da física é o ente separado (*χωριστά*) e móvel; o objeto da matemática é o ente não separado e imóvel; e o objeto da teologia é o ente separado e imóvel. Reale<sup>13</sup> dá 3 (três) sentidos para o termo “separado”: 1) separado dos sensíveis e da matéria; 2) existente por si, que subsiste por sua conta, sem precisar inerir em outro; e 3) separado no pensamento, logicamente. A aplicação que o comentador italiano faz desses tipos de sentidos para “separado” causa certa dificuldade: segundo ele, ao falar dos objetos da física, Aristóteles usa “separado” no sentido 2 (existente por si), ao falar dos objetos da teologia, o filósofo usaria o sentido 1 (separado dos sensíveis e da matéria), e, ao falar dos objetos da matemática, novamente, e com confusão, ele usaria o sentido 2. Parece que o mais adequado seria que a física usasse o sentido 3 – separável logicamente com o pensamento.

### 1.1 A DIVISÃO DAS CIÊNCIAS EM ARISTÓTELES, CONFORME O LIVRO K DA *METAFÍSICA*

O Livro K, capítulo 7, também trata da tripartição das ciências teóricas. As ciências buscam no seu objeto as suas causas e princípios: “Todas as ciências buscam, relativamente a cada um dos objetos que entram em seu âmbito de conhecimento, determinadas causas e determinados princípios [...]” (*Metafísica K 7*, 1063b, 35). Esse objeto está limitado num determinado gênero, tido como real e existente, mas não considera o ser. Há uma ciência que se distingue de todas as outras pois considera o ser enquanto ser. Cada ciência se debruça sobre a essência desses gêneros de coisas existentes e daí demonstra as causas e princípios.

Cada uma delas, com efeito, limita-se a indagar um determinado gênero de coisas, e, dele, cada uma se ocupa como de algo real e existente, mas não o considera enquanto ser: de fato, a ciência do ser enquanto ser é diferente dessas ciências e delas se distingue. Cada uma das ciências mencionadas

<sup>12</sup> *Ibidem*, nota 17 do livro E1, p. 310.

<sup>13</sup> *Ibidem*, nota 14 do livro E1, p. 307-308.

assume de algum modo a essência que é própria do gênero de coisas de que se ocupa e tenta demonstrar todo o resto com maior ou menor rigor. E algumas dessas ciências assumem a essência por meio da sensação, outras, ao contrário, por meio da hipótese. Por isso, também desse procedimento indutivo a que recorrem, fica evidente que da substância e da essência não pode haver demonstração (*Metafísica K 7*, 1064a, 5-10).

Novamente Aristóteles traz à discussão que a ciência da natureza se difere tanto da ciência prática (ética, economia, política) quanto da ciência poiética (artes, etc.). Nessas ciências, o princípio do movimento encontra-se no agente (práticas) ou no artifice (poiéticas). Já a “ciência do físico” (*Metafísica K 7*, 1064a, 15) trata dos objetos que têm neles mesmos o princípio do movimento e com isso conclui-se que a ciência da natureza (ou física) encaixa-se no quadro de ciências teóricas, uma vez excluída do quadro dos outros gêneros de ciência supracitados.

Se cada ciência, como dito acima, debruça-se sobre uma essência de algum gênero de coisa existente, tem-se que descobrir de que modo a física define seus objetos. E o autor da *Metafísica* fornece duas noções, das quais ele diz ser a primeira sobre a qual a física detém: 1) os objetos que implicam matéria, como quando se diz que um nariz é achatado ou 2) tratando-se de abstrações como quando dissemos “concavidade”.

Como distinguir a física da ciência que investiga o ser enquanto ser (filosofia primeira, metafísica ou teologia)? Diz o filósofo: “[...] a física estuda as coisas que têm em si mesmas o princípio do movimento; a matemática é a ciência teorética que estuda os entes não sujeitos ao devir, mas não separados” (*Metafísica K 7*, 1064a, pp. 30-35). Ele distingue essas duas ciências dizendo que há uma que versa justamente sobre o “ser enquanto ser e enquanto separado” (*Metafísica K 7*, 1064a, 28) (da matéria). Essa ciência estuda o ser separado e imóvel, e, segundo Aristóteles, um ser desse gênero será o “ser divino e Princípio primeiro e supremo” (p. 35), cuja existência se demonstra nessa mesma ciência<sup>14</sup>. Seria a mesma coisa então o “ser enquanto ser” e o “ser separado (imaterial) e imóvel”? “E se entre os seres existe uma realidade desse gênero (separada e imóvel), ela deverá ser o divino e também o Princípio primeiro e supremo” (p. 37).

Prosseguindo, Aristóteles afirma ser o gênero das ciências teóricas o mais excelente, e haveria ainda, dentro desse gênero, outros três - a física,

<sup>14</sup> Essa discussão – a demonstração da existência de Deus – dará base para Avicena e Tomás de Aquino estabelecerem qual é o objeto da metafísica.

a matemática e a teologia. Essa última seria a mais excelente de todas, visto que seu objeto “vale mais do que todos” e é parâmetro para qualificar como superior ou inferior toda demais ciência (1064b, 1-5). Temos, pois, um indício de uma ordem entre as ciências, as quais, de certo modo, são mais excelentes, superiores conforme se aproximam da teologia.

Finalizando a lição 7 do livro K, há uma última questão a ser respondida, a que a ciência do ser enquanto ser é ou não universal. Essa é a mesma questão do final do livro E 1, por isso Reale afirma ser o livro K 7 um resumo do livro E 1<sup>15</sup>. O Filósofo diz que sim, e demonstra com o seguinte argumento: há uma matemática geral, a qual está subalternada algumas como que espécies de matemáticas; há a física, que seria a primeira das ciências caso só existisse a realidade material; como, portanto, existe uma substância separada e imóvel, essa é, pois, universal, pois é anterior à física (1064b, 5-10).

## 1.2. A INDETERMINAÇÃO DO OBJETO DA FILOSOFIA PRIMEIRA (OU TEOLOGIA, OU METAFÍSICA) NA OBRA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

No conjunto da obra *Metafísica*, Aristóteles não determina qual é o objeto da metafísica. Ficam em aberto algumas possibilidades, que vão da universalidade do possível objeto (ser enquanto ser) à particularidade do ser divino. Eis, segundo os comentadores (RODRIGUEZ, 1979; GRONDIN, 2006), quatro possibilidades:

1) No Livro A, da referida obra, o filósofo propõe a primeira possibilidade do objeto da metafísica, a qual aparece como uma ciência das primeiras causas e princípios, aquilo que passou a ser dito *aitiologia* entre os comentadores:

Ora, maximamente cognoscíveis são os primeiros princípios e as causas; de fato, por eles e a partir deles se conhecem todas as outras coisas, enquanto, ao contrário, eles não se conhecem por meio das coisas que lhes estão sujeitas. E a mais elevada das ciências, a que mais autoridade tem sobre as dependentes é a que conhece o fim para o qual é feita cada coisa; e o fim em todas as coisas é o bem e, de modo geral, em toda a natureza o fim é o sumo bem. Do que foi dito resulta que o nome do objeto ele nossa investigação refere-se a uma única ciência; esta deve especular sobre

<sup>15</sup> REALE, G. *Metafísica – Sumário e Comentários*. Vol. III. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002, nota 1 do livro K7, p. 558.

os princípios primeiros e as causas, pois o bem e o fim das coisas é uma causa (*Metafísica A 2*, 982b, 1-10).<sup>16</sup>

Grondin (2006, p. 94) ressalta que esse livro e a tese genérica de que a filosofia ou metafísica busca as causas e princípios primeiros estão em consonância com a tradição filosófica anterior ao estagirita: Platão já tinha buscado as *archai* das coisas, e a ideia de Bem era para este o princípio por antonomásia. Contudo, Aristóteles reprova em Platão a não distinção de duas coisas: 1) os sentidos do ser e 2) as acepções da noção de causa (p. 95). O primeiro item não será tratado agora, no livro A, mas é de suma importância - haja vista que descobrir que o ser é ou não um conceito unívoco ajudará a “determinar de que ser exatamente há que descobrir os princípios” (p. 95)<sup>17</sup>. O segundo item é trabalhado, especialmente, pelo estagirita no livro da *Física*, no qual ele faz a clássica distinção das quatro causas (material, formal, eficiente e final); essa distinção também é retomada no livro A da *Metafísica* (3, 983a, 25-30).

2) Também a metafísica pode ser considerada como uma ciência que considera o ser em sua universalidade, o que a tradição passou a chamar de “ontologia”:

Existe uma ciência que “considera o ser enquanto ser” e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. Assim o fazem, por exemplo, as matemáticas (*Metafísica Γ 1*, 1003a, 20-25)<sup>18</sup>

Enquanto as demais ciências consideram o “ser enquanto é tal ou qual ser” (GRONDIN, 2006, p. 102), a filosofia primeira ou metafísica busca uma universalidade. Mas o estabelecimento dessa ciência é trabalhoso: Aristóteles, nos *Segundos Analíticos*, diz que uma ciência analisa um gênero, revelando suas espécies, propriedades essenciais e divisões:

Toda a arte demonstrativa gira em torno de três elementos: isso cujo ser se supõe (ou seja, o gênero cujas propriedades essenciais ela contempla); os princípios comuns, chamados axiomas, verdades primeiras através das

<sup>16</sup> Grifo nosso.

<sup>17</sup> As citações diretas de Grondin (2006) são traduções nossas do espanhol.

<sup>18</sup> Grifo nosso.

quais se processa a demonstração; e, em terceiro lugar, as propriedades, de que a ciência supõe, para cada uma delas, o significado (*Segundos Analíticos* I, 10, 76b 12-23).

Contudo Aristóteles afirma que o ser não é um gênero e isso se entende quando o Filósofo estabelece a homonímia<sup>19</sup> do ser, “que se diz de várias maneiras”. Aubenque (2012) assevera que, porque o ser não tem uma significação única, ou seja, não se constitui como gênero num discurso, um mesmo discurso científico sobre o ser seria impossível; só haveria solução para isso na doutrina das categorias, nas quais o ser não seria um gênero, mas vários.

3) Ainda no livro  $\Gamma$  (IV) o estagirita diz que a metafísica trata da substância, e essa consideração da substância como objeto da metafísica é chamada pela tradição de *ousiologia*: “Todavia, a ciência tem como objeto, essencialmente, o que é primeiro, ou seja, aquilo de que depende e pelo que é denominado todo o resto. Portanto, se o primeiro é a substância, o filósofo deverá conhecer as causas e os princípios da substância”<sup>20</sup> (*Metafísica*  $\Gamma$  2, 1003b, 16-19).

Mais adiante, no livro sétimo da *Metafísica*, o estagirita diz o seguinte:

O ser tem muitos significados como estabelecemos anteriormente, no livro dedicado aos diversos significados dos termos. De fato, o ser significa, de um lado, essência e algo determinado, de outro, qualidade ou quantidade e cada uma das outras categorias. Mesmo sendo dito em tantos significados, é evidente que o primeiro dos significados do ser é a essência, que indica a substância (*Metafísica* Z, 1, 1028a, 1-5).

A questão da substância (*ousia*) é de suma importância. Primeiro, ela pode significar o que a tradição ocidental chama de quiddidade (*quidditas*), do grego *to ti en einai*, ou essência. Quando se pergunta o que algo é busca-se a sua definição, dada pela quiddidade. Mas a substância também pode ser entendida na designação do universal - “o que se toma segundo o todo” (GRONDIN, 2006, p. 113). E, segundo a citação aristotélica acima, substância pode ser os gêneros supremos elencados nas *Categorias*. Ademais, substância designa o

<sup>19</sup> Pierre Aubenque, em *O problema do ser em Aristóteles*, diz que a tradição (começada por Tomás de Aquino, movido que estava por uma metafísica que substituíra o problema do uno e do múltiplo pelo do Deus criador e do mundo criado) que usa o vocábulo “*analogia* para expor a teoria aristotélica das significações do ser” (2012, p. 189) é infiel aos textos mesmos do estagirita.

<sup>20</sup> Grifo nosso.

sujeito ou substrato, aquilo que está sob, que subjaz, que é fundamento – a tradição ocidental diz *substantia* e *subjectum*.

4) Aristóteles diz ainda que a metafísica trata de Deus, sendo assim uma *teologia*:

Mas uma ciência só pode ser divina nos dois sentidos seguintes: (a) ou porque ela é ciência que Deus possui em grau supremo, (b) ou porque ela tem por objeto as coisas divinas. Ora, só a sapiência<sup>21</sup> possui essas duas características. De fato, é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio [...] (*Metafísica A 2*, 983a, 6-12).

Também no livro XII ou Lambda (Λ), Aristóteles desenvolve essa tese, além do Livro E, da qual já se tratou quando estabelecida a tripartição das ciências teoréticas.

Grodin (2006, p. 116) assinala que a teologia de Aristóteles se mostra na sua *Física*, na qual o estagirita se esforça para explicar o movimento contínuo e universal dos corpos celestes. Reverbera-se isso no livro Lambda (XII) da *Metafísica*, não sendo, pois, um discurso ou doutrina sobre os deuses. Ademais, são esses textos importantes para a teologia ocidental, pois falam de um primeiro motor que causa o movimento dos astros, primeiro motor que é um princípio divino e falam desse primeiro motor como ato que pensa a si mesmo. Esse divino é, então, “princípio de explicação do mundo e como inteligência suprema” (p. 116), tem uma transcendência radical do universo, o qual atrai como causa final.

Rodriguez (1979, p. 68) assinala que essas quatro (4) determinações compreendem-se em duas fundamentais: o objeto da metafísica tem determinação ontológica e teológica. A determinação da metafísica como estudo das causas e princípios primeiros (1) reduz-se à determinação teológica (4), já que Deus seria a causa suprema; e a que trata da substância (3) reduz-se à ontologia (2), que trata do ser enquanto ser.

Em suma, o problema é se numa mesma e única ciência - a metafísica - ontologia e teologia estão juntas indistintamente<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Sapiência, de sabedoria, o hábito intelectual da filosofia, que se torna sinônimo de metafísica.

<sup>22</sup> É o clássico problema elencado no século XX por Heidegger, o problema da ontoteologia. Esse problema é triplo: 1) onto-teologia pode significar a “interpretação do ser como Deus” (BOULNOIS, 2015, p. 84); 2) a duplicidade ente em geral e ente supremo; 3) além de poder ser significada como a busca por uma unidade da essência da metafísica ao longo do percurso humano, da história (p. 87).

Há uma resposta, chamada “genética ou evolucionista” (RODRIGUEZ, 1979, p. 69), que diz que a metafísica aristotélica é tanto ontologia quanto teologia, contudo em momentos distintos, quebrando assim sua unidade. Essa tese provém do filósofo alemão W. Jaeger, para quem a obra *Metafísica* de Aristóteles foi composta em distintos períodos e por isso o resultado que se tem é que num momento essa ciência (a metafísica) é teologia, e noutro, ontologia (Cf. JAEGER, *apud* RODRIGUEZ, 1979, p. 70). Haveria ainda a possibilidade de uma dupla influência sobre o estagirita ao compor sua *Metafísica*, a influência empirista e a platônica (p. 72). Se a obra aristotélica começou pelo estágio platônico – “Aristóteles teria escrito tais textos quando ainda estava ligado à Academia platônica e às ideias de seu fundador, sendo os livros A e E1 frutos da primeira época” (CASTRO, 2008, p. 69) –, ela tem aí tendência teológica e, ao seu fim, com culminação empirista, destaca-se a ontologia. A resposta evolucionista teria, pois, seu corolário nessa última possibilidade, pois a impossibilidade da conciliação entre platonismo e empirismo sugeriria que a metafísica aristotélica – ontoteologia – seria num momento teologia, noutro ontologia, como dito anteriormente.

Há, também, outra resposta ao problema: a interpretação unitária ou sistemática. Esta propõe a metafísica numa unidade, elencando qual seria seu objeto próprio, ou no linguajar medieval, o “*genus subjectum*” da metafísica (Cf. RODRIGUEZ, 1979, p. 69 e 75). Rodriguez elenca uma série de pensadores – Rogério Bacon, Egídio de Roma, Siger de Brabante, Henrique de Dante, Averrois, Avicena, e Tomás de Aquino – que seguem essa linha de resposta.

Levando-se em conta os comentários, estudos e análises da obra *Metafísica*, de Aristóteles, percebe-se que não é possível entendê-la como uma obra unitária, escrita de uma só vez, num mesmo tempo e lugar (CASTRO, 2008, p. 62). Os seus quatorze (14) livros possuem temáticas das mais diversas, resumos de outros livros (mormente da *Física*) e mesmo resumos e recapitulações de livros inseridos na própria *Metafísica* (como o Livro K, que resume os livros B, Γ e E). Prossegue dessa não unidade de escrita da obra do estagirita que o mesmo tenha abordado o assunto do objeto da metafísica de vários ângulos, dando, pois, mais de um objeto para esta ciência teórica superior.

A reverberação da tripartição das ciências teóricas na obra do Aquinate, da qual tratamos em nossa dissertação de mestrado, é patente. Em *Super Boethii*, Q. 5, a. 1, s.c. 1, Tomás de Aquino cita o Filósofo, especificamente o livro VI (E) da *Metafísica*, concordando com a tripartição das ciências teóricas como exposta por Aristóteles. Mais adiante, o Aquinate contra-argumenta a favor da tríplice divisão das ciências teóricas – que são “distinguidas de

acordo com seus objetos (...) É assim que são distinguidas aqui e no livro VI da Metafísica três partes da filosofia especulativa” (*Super Boethii*, Q. 5, a. 1, ad 1) – em face de um argumento que dizia, baseado no livro VI da *Ética a Nicômaco*, ser o conhecimento científico na alma aperfeiçoado pelas “virtudes intelectuais” da “sabedoria”, da “ciência” e da “inteligência”, e que seriam estas virtudes, portanto, as partes da ciência teórica (especulativa). Tomás de Aquino lembra que essas virtudes intelectuais aperfeiçoam cada uma a sua maneira a parte especulativa da alma – e assim se distinguem: a “inteligência” é o hábito dos primeiros princípios, “pelo qual algo se torna evidente por si mesmo”; já a ciência e a sabedoria são os hábitos pelos quais “se conhecem as conclusões demonstradas a partir destes princípios”, ou por causas inferiores (“ciência”) ou por causas mais elevadas (“sabedoria”). As ciências, que são certos hábitos, por sua vez, distinguem-se por seus objetos.

## 2. A DIVISÃO DAS CIÊNCIAS E O OBJETO DA METAFÍSICA, EM BOÉCIO

Severino Boécio, em seu *De Trinitate* (Sobre a Trindade), trata sobre Deus, sobre sua unidade e trindade, entre outros assuntos. Contudo, no capítulo II aparece uma (re)leitura da divisão das ciências teoréticas de Aristóteles. É de Boécio o seguinte parágrafo:

Ora, são três as ciências especulativas: a Física, que está em movimento e não é abstrativa ou separável - *anypexairetos* - não abstrai o movimento, pois considera as formas dos corpos com matéria, formas que em ato não se podem separar dos corpos. E os corpos, estando em movimento, a forma, unida à matéria, tem movimento: com a terra, tendem para baixo; com o fogo, para cima. A Matemática, está sem movimento e não é abstrativa, pois ela estuda as formas dos corpos sem a matéria e, por isso, sem movimento. Porém essas formas, em união com a matéria, não podem separar-se dela. A Teologia, está sem movimento e é abstrativa, pois a substância de Deus carece de matéria e de movimento. (BOÉCIO, *apud* LAUAND, 2005.)

Boécio aceita a divisão aristotélica das ciências especulativas - “são três as ciências [...]”. E concorda com a definição do objeto da física e da matemática, segundo a teoria do mesmo estagirita, mas elege Deus como objeto da teologia (filosofia primeira, metafísica).

A física considera o que está em movimento (móvel) e não é separável, considera a forma de entes sensíveis, materiais, formas inseparáveis da matéria que informam em ato. Boécio dá dois exemplos: se considerássemos a terra



e o fogo enquanto formas, e formas que necessariamente informam alguma matéria, teremos nessa consideração um “detalhe” advindo da matéria em que existem, o “movimento”. Por isso o objeto da física é o ente móvel (*ens movens*). Contudo, importa considerar que essa forma, como todas as formas inteligidas pelo homem, é separada da matéria no ato do pensamento.

Savian Filho (in BOÉCIO, 2005, p. 256) recorda que Boécio, no texto supracitado, “filia-se à física aristotélica”, para a qual o movimento das coisas é explicado pela predominância de algum dos elementos (terra, água, fogo, terra), cuja gravidade e leveza são variáveis. Terra e água, por exemplo, tendem para baixo pela gravidade de sua constituição, ao passo que ar e fogo, como são leves, tendem para o alto.

Diz o estagirita, na *Física* (L II, 192b10-14), sobre as coisas que são por natureza (coisas naturais, quer dizer, não artificiais), e que, portanto, possuem tendência natural ao movimento: “porque cada uma delas tem em si mesma um princípio de movimento e de repouso, seja com respeito ao lugar ou aumento, ou a diminuição e a alteração”.<sup>23</sup>

Prossegue Aristóteles, na mesma *Física*, analisando doutrinas dos filósofos pré-socráticos, a fim de encontrar o substrato da natureza:

Alguns pensam que a natureza ou substância das coisas que são por natureza é um constituinte primeiro em cada uma delas, algo informe em si mesmo; assim a natureza de uma cama seria a madeira, e a de uma estátua o bronze. [...] alguns dizem que a natureza das coisas é o fogo; outros, que é o ar; outros, que é a água; outros, que vários destes elementos; outros, que todos eles. [...] Assim, em um sentido se chama natureza a matéria primeira que subjaz em cada coisa que “tenha em si mesma um princípio do movimento e da mudança” (*Física L II*, 193a, 10-12; 20-24; 28-30, ou p. 131-133).<sup>24</sup>

Quanto à matemática, Boécio considera o ente que só existe na matéria, contudo sua consideração é sobre a quantidade desse mesmo ente e não sobre seu movimento. O objeto da matemática é o ente enquanto quantidade (*ens quantum*).

Sobre a teologia (filosofia primeira, metafísica), o pensador romano elenca Deus como seu objeto, pois Ele não tem matéria nem movimento, cumprindo

<sup>23</sup> ARITÓTELES. *Física*. Trad. de Guillermo R. de Echandía. Editorial Gredos: Madrid, 1995, p. 128. Tradução nossa, a partir da versão espanhola.

<sup>24</sup> Tradução e grifos nosso, a partir da versão espanhola.

assim as exigências que colocava Aristóteles para o objeto dessa ciência. Essa escolha de Boécio de colocar Deus como objeto da metafísica é de influência interpretativa de Amônio Sacas, que via essa ciência essencialmente como ciência divina (BOULNOIS, 2015, p. 35).

Em suma, a física tem por objeto o ente não separado (da matéria) e móvel, a matemática o ente não separado e imóvel, e filosofia primeira (teologia) o ente separado e imóvel. Têm-se duplo critério para a classificação das ciências: a imobilidade e a separação (da matéria) (p. 35). A matemática seria uma ciência média, uma vez que ainda se atrela à matéria pelo acidente da quantidade. A filosofia primeira (teologia) é que utiliza a abstração em toda sua potência ao focar o imaterial (separado) e imóvel.

Prossegue Boécio:

Das três ciências, a Física trabalha racionalmente (*rationabiliter*); a Matemática, disciplinarmente (*disciplinaliter*) e a Teologia, intelectualmente (*intellectualiter*), pois não se trata aqui de lidar com imagens, mas antes de olhar para a forma que é, não imagem, mas verdadeira forma: ela mesma é e é por ela que o ente é (BOÉCIO, *apud* LAUAND, 2005).

Encontramos aqui o método para organizar a progressão na ciência: 1) os sentidos estão imersos na sensibilidade da matéria - “grau zero de ciência” (BOULNOIS, 2015, p. 36); 2) A física, como diz Boécio, “trabalha racionalmente, quer dizer, pela prática discursiva (raciocínio), passa de verdades conhecidas às antes desconhecidas, se ocupando do múltiplo e alcançando “um conhecimento unificado” (BOULNOIS, 2015, p. 36); 3) A matemática age disciplinarmente, quer dizer, num esforço espiritual, isola e libera a forma da matéria por consideração, não de maneira real (natural) - é como a linha, que só existe num corpo, mas “pode ser conhecida separada do corpo” (p. 36); 4) A teologia, por fim, considera como separado e imóvel o que realmente é separado e imóvel, por isso é dito que ela age intelectualmente, já que contempla a forma sem imagens sensíveis. Seu intento “é chegar a um conhecimento intelectual de Deus [...] o ‘ser mesmo’ a partir do qual um ente é” (p. 36).

Então, junto ao duplo critério mencionado anteriormente para a classificação das ciências – (i)mobilidade e separação – tem-se outro, o de graus de abstração, aos quais Boécio dá acentuada importância, que correspondem a faculdades distintas. Para a física, a razão considera realidades não abstratas; para a matemática, realidades não separadas, mas sem matéria, logo, abstratas;

já a teologia considera pelo intelecto “abstratamente as realidades realmente separadas” (BOULNOIS, 2015, p. 36).

Tem-se aqui uma ligação com o problema dos Universais<sup>25</sup>, visto que a teologia contemplaria uma forma que subsiste sem a matéria. Existe uma diferença entre razão, que considera as substâncias compostas de matéria e forma, e intelecto, que considera formas separadas<sup>26</sup>.

“Por um progresso na abstração, o conhecimento intelectual tende a imitar a unicidade do intelecto divino” (p. 37), quer dizer, o homem se esforça para conhecer cada coisa de acordo com suas faculdades – as imagens e os sensíveis pelo universal e a razão, e os entes imateriais e imóveis pelo intelecto, mas mesmo aquelas (imagens e sensíveis) ele tende a usar o intelecto; e assim faz uso da abstração, tentando imitar a unicidade do intelecto divino. A teologia seria então o ato excelente da inteligência, mas isso só Deus mesmo teria; os homens buscam, almejam. Esse é o cume que Aristóteles alcançou: deus como pensamento de pensamento<sup>27</sup>, como ciência que ele tem de si mesmo. Portanto, se Deus é o objeto da teologia, esta “é inacessível para nós” (BOULNOIS, 2015, p. 38).

Tomás de Aquino retomará essa questão “metodológica” de progressão das ciências – a qual Savian Filho prefere dizer “ontológica” (in BOÉCIO, 2005, p. 256), tendo em vista os objetos de cada ciência: o objeto da física e da teologia existe “*in re*”, enquanto que o da matemática é passível de distinção entre o existente apenas na mente e a realidade correspondente (na matéria). Na Questão 6 do Comentário ao *De Trinitate*, que analisamos em nossa dissertação de mestrado, o Aquinate dedica-se a saber se esses modos de proceder para se adquirir as ciências especulativas – racionalmente, disciplinarmente e intelectualmente – são convenientes.

<sup>25</sup> Universal, adjetivo derivado de universo (uno + verso), um (1) voltado para as muitas coisas que o compõe. Universal é aquilo mediante o qual conhecemos as coisas, abstraindo dos acessórios o principal, essencial. Por exemplo: abstraímos aquilo que é comum a todos os indivíduos caninos, chegando ao universal “cão”, aplicável a todos os indivíduos caninos – deixando de lado raça, cor, domesticidade, raiva, força, etc.

<sup>26</sup> A razão, diferença específica que difere o homem de outras espécies, é o Intelecto funcionando à maneira humana, no tempo, diacronicamente.

<sup>27</sup> “Se, portanto, a Inteligência divina é o que há de mais excelente, ela pensa a si mesma e seu pensamento é pensamento de pensamento” (Cf. *Metafísica* Λ (12), I9, 1074b, 30-35).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, na primeira parte do artigo, a proposta de tríplice divisão das ciências teóricas segundo Aristóteles e as propostas de objeto para a filosofia primeira ou metafísica, segundo o mesmo autor. A tríplice divisão das ciências teóricas é como que ponto pacífico entre os comentaristas do texto fundante (*Metafísica E*), mas o estabelecimento do objeto da metafísica já não se dá com facilidade.

O estagirita, como vimos em sua *Metafísica*, dá algumas possibilidades (Deus, ente, substância e causas) do que seria o objeto desta ciência. A reverberação dessas possibilidades e a escolha de uma vimos na segunda parte do artigo, ao tratar do texto de Boécio (*De Trinitate*), que elege o “ser divino” como objeto da metafísica, além de aceitar a tríplice divisão das ciências teóricas, propondo inclusive, um método próprio de investigação de cada uma.

[Recebido em setembro/2022; Aceito em janeiro/2023]

## REFERÊNCIAS

- ALVIRA, T.; CLAVELL, L; MELENDO, T. *Metafísica*. Tradução de Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2014.
- ARISTÓTELES. *Física*. Tradução de Guillermo R. de Echandía. Editorial Gredos: Madrid, 1995.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Vol. II. Tradução de Marcelo Perine. Edições Loyola: São Paulo, 2002.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Vol. III, sumário e comentários. Tradução de Marcelo Perine. Edições Loyola: São Paulo, 2002.
- ARISTÓTELES. *Órganon: Analíticos Posteriores*. Tradução de Pinharanda Gomes. Guimarães Editores: Lisboa, 1987.
- AUBENQUE, P. *O problema do ser em Aristóteles*. Tradução de Cristina de Souza Agostini e Dioclécio D. Faustino. Ed. Paulus: São Paulo, 2012.
- BOÉCIO, S. *De Trinitate*. Tradução de Luiz Jean Lauand. Ruah, [S.l.:s.n], 2005. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit5/luan.htm>>. Acesso em 26 dez. 2018.
- BOÉCIO, S. *Escritos* (Opuscula Sacra). Tradução, introdução, estudos e notas de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOULNOIS, O. *Metafísicas rebeldes: gênese e estruturas de uma ciência na Idade Média*. Tradução de Paulo Neves. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015.
- CASANOVA, C. A. *Física e Realidade*. reflexões metafísicas sobre a ciência natural. Tradução de Raphael D. M. de Paula. Campinas, SP: CEDET/Vide Editorial, 2013.
- CASTRO, S. *Três formulações do objeto da Metafísica de Aristóteles*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- JOLIVET, R. *Tratado de Filosofia: Metafísica*. Tradução de Maria da Glória P. P. Alcure. Editora Agir: Rio de Janeiro, 1965.
- NASCIMENTO, C. A. R. Tomás de Aquino e a Metafísica. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 52, 2017, pp. 233-254.

- PEREIRA, O. P. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª Ed. Universidade Federal do Pará. Editora Universitária: Belém, 1988.
- REALE, G. *Metafísica: Sumário e Comentários*. Vol. III. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002
- RODRIGUEZ, J. L. F. *El objeto de la metafísica em la tradicion aristotelica*. Anuario filosófico, vol. 12, nº 2, 1979, págs. 65-101. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2786792>. Acesso em 28 dez. 2018.
- THONNARD, F. J. *Compêndio de história da filosofia*. Tradução de Valente Pombo. São Paulo: Editora Herder, 1968.